



Barcelos

Museu
Arqueológico

Notas indicativas

1935



469.12)(036)

ESTE LIVRO PERTENCE
À BIBLIOTECA
BARRETO DE FARIA



BARCELOS

D. *João I, por carta de 8 de Outubro de 1385, deu o condado de Barcelos ao Condestável D. Nuno Álvares Pereira, que já era Conde de Ourém desde 1 de Julho de 1384 e ainda mais teve o condado de Arraiolos em 16 de Dezembro de 1387. O Condestável, VII conde donatário de Barcelos, apenas teve uma filha—D. Brites Pereira—do seu casamento em 1376 com a nobre Dona Leonor de Alvim. D. Brites casou em 8 de Novembro de 1401 com D. Afonso filho legítimo de D. João I e D. Nuno Álvares Pereira, no próprio dia dêsse casamento, dispôs do condado de Barcelos para seu genro que já era o II Conde de Neiva desde 31 de Outubro de 1391 e foi elevado a I Duque de Bragança em 1442.*

D. Afonso, VIII conde donatário de Barcelos, poderoso e opulento prócere, fez construir « Paços acastelados » na sua vila sede do condado, em posição dominando o rio Cávado, com riqueza e grande luxo, local de vistas esplêndidas num conjunto de panoramas maravilhosos. E fê-lo ao lado da « Igreja Matriz » barcelense, construção dos séculos XII-XIII, que engrandeceu por certo, pois registou a intenção de nela erigir « Colegiada » que seu filho D. Fernando—II Duque de Bragança e IX conde de Barcelos em 1461—fundou com os primeiros « Estatutos » outorgados em 7 de Outubro de 1464 pelo Arcebispo-Prímaz D. Fernando da Guerra (1416-1467).

Desconhece-se—talvês por investigação insuficiente— a época precisa da construção dos « Paços de Barcelos » ; no entanto sua feição architectónica manifesta influência francesa nos te-

Barceliana

BIBLIOTECA MUNICIPAL

BARCELOS

N.º 48015

Pereira

lhados de prumo alto e no conjunto elegantíssimo das originais chaminés ao examinar-se o desenho de Duarte Darmas no « Livro das Fortalezas » arquivado na Tôrre do Tombo.

D. Afonso viajou, visitou côrtes e países de cultura superior à portuguesa do tempo, sendo de crer que de lá trouxesse impressões que promoveram o cunho artístico que deu a obras suas. Como os « Paços de Barcelos » já estavam de todo concluídos em 1507-1508 — data dos trabalhos de Duarte Darmas — apenas poderemos afirmar que os construíram durante o século xv, talvez na primeira metade, em vida do I Duque de Bragança falecido em 1461.

Com a edificação de residências senhoriais em Guimarães e Chaves, deslocação da família para o Alentejo no século xvi e elevação dela ao trono no século xvii é de crer que raro permanecesse em Barcelos, decaíndo os « Paços » pouco a pouco até que o megasismo de 1755 os abalou, predispondo o edifício para a grande derrocada de 24 de Janeiro de 1800.

Assim dos « Paços de Barcelos », solar primário dos Braganças, só hoje restam ruínas. Mas o seu aspecto conserva um inconfundível ar de velha nobreza, vincando o ar nobre da povoação e a tal ponto que o falante « Brasão de Domínio » de Barcelos não é mais do que a figuração dessa zona quatrocentista da vila fortificada dos primeiros Braganças !

Ambiente profundamente evocador, portanto, página nobilíssima da sua História e pergaminho ilustre de suas elevadas tradições !

Foi nesse local, de tais origens e de tam notável significado, que se instalou o Museu arqueológico de Barcelos, em aglomerado curiosíssimo de vetustas pedras, já merecendo uma visita demorada.

A disposição obedece mais ao efeito artístico do conjunto do que a uma seriação rigorosa e como tôdas as peças expostas estão etiquetadas — em azulejos claros de fácil leitura — o exame da colecção é simples e atraente.

Há um pouco de tudo desde os restos da época romana « uma coluna, ladrilhos, tijolos, caleiras » quasi até aos tempos modernos. Do estilo românico exhibe-se um cruzeiro valioso, um túmulo epigrafado perfeito, uma cruz ante-fixa velhíssima, uma coluna de estriado oblíquo, arcazes tumulares, restos monacais vários, estelas, capitéis « um deles talvez mesmo moçarabe », pias de água benta e uma báltismal epigrafada, duas sepulturas de cabeceiras curiosíssimas, tímpanos com o cordeiro pascal muito original, etc.

O gótico está representado por um arranque de absidiola da antiga Matriz em conjugação com uma campá com sua inscrição, por uma grade de fresta muito interessante e pias de água benta.

Do renascimento há símbolos heráldicos de confrarias, um galheteiro para altar, ostentando a Cruz da Ordem de Malta, interessantíssimo.

Há do século xvii duas tampas de sepultura com a data histórica de 1640, umas alminhas em que as grades são um exemplar curioso de serralheria.

Exibe-se um cruzeiro figurando Cristo imberbe na cruz, caso de excepcional raridade, diversas pedras de armas uma delas de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

A visita ao Museu Arqueológico importa a da próxima Igreja Matriz de arcaria elegante, chamando a atenção a abóbada epigrafada da capela-mor, os vidrais policromos, embora modernos, e sobretudo o seu tesouro sacro.

E perto eleva-se, elegantíssimo, o Pelourinho barcelense, de gaiola em gótico florido e conservando as correntes de algêmas.

Como complemento o ponto de vista é maravilhoso e a vista descança — encantada — num conjunto panorâmico de mimosa beleza: montes, campos, o rio sinuoso, a cidade!





*COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS*

biblioteca
municipal
barcelos



48015

Museu Arqueológico

(B)
069
MU